

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Victória Viana Filgueiras da Costa

OBJETIFICAÇÃO DOS CORPOS NEGROS NO TURISMO DE FAVELA

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Miriane Sigiliano Frossard Nunes

Juiz de Fora
2025

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Victória Viana Filgueiras da Costa**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número **201972133A**, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Objetificação dos Corpos Negros no Turismo de Favela**, desenvolvido durante o período de 15/11/2024 a 11/03/2025 sob a orientação de **Miriane Sigiliano Frossard Nunes**, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 18 de Março de 2025.

Victória Viana Filgueiras da Costa

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

OBJETIFICAÇÃO DOS CORPOS NEGROS NO TURISMO DE FAVELA

Victória Viana Filgueiras da Costa¹

RESUMO

O turismo de favela tem crescido em diversos países, especialmente no Brasil, e tem gerado debates sobre suas implicações sociais, culturais e econômicas. Essa prática frequentemente resulta na mercantilização da cultura local e na objetificação dos corpos negros, transformando os moradores das favelas em atrações para o olhar estrangeiro. A partir de uma abordagem crítica, este estudo investiga como o turismo de favela contribui para a perpetuação de estereótipos e desigualdades raciais, analisando a maneira como os corpos negros são representados e instrumentalizados nessa dinâmica. Para isso, realizamos uma revisão bibliográfica baseada em autores que discutem turismo, racismo estrutural e mercantilização da cultura. Os resultados indicam que, apesar das possibilidades de geração de renda e valorização cultural, o turismo de favela frequentemente reforça hierarquias raciais e sociais, enquadrando os moradores em narrativas exóticas e estereotipadas. O estudo também aponta a necessidade de um turismo mais ético e inclusivo, no qual as comunidades tenham maior protagonismo na construção de suas próprias narrativas. Dessa forma, busca-se contribuir para o debate sobre a desconstrução de práticas turísticas coloniais e a promoção de modelos que respeitem a dignidade e a autonomia dos moradores das favelas.

PALAVRAS-CHAVE: turismo de favela; objetificação; corpos negros; mercantilização da cultura; desigualdade racial.

1. INTRODUÇÃO

Ricci-cagnacci, Farias e Usui-napoli (2023) afirmam que o turismo de favela tem despertado crescente interesse acadêmico e debates éticos, sobretudo em países marcados por desigualdades sociais e econômicas, como o Brasil. Essa prática turística caracteriza-se pela visitação de comunidades periféricas e marginalizadas, com o objetivo de vivenciar a cultura local, compreender realidades sociais distintas e, muitas vezes, consumir experiências consideradas “autênticas”. No entanto, essa prática também suscita uma série de problemáticas, como a exploração econômica e simbólica das comunidades, a perpetuação de estigmas sociais e a objetificação dos corpos negros dos moradores.

No contexto brasileiro, onde as favelas são espaços historicamente marcados pela exclusão social, violência e resistência, o turismo de favela revela dinâmicas complexas de poder. Embora possa representar uma oportunidade de geração de renda e valorização cultural, muitas vezes resulta na instrumentalização dos corpos negros como parte de um “espetáculo” para atender às demandas do mercado turístico. Essa lógica mercantiliza identidades, culturas e vivências, reduzindo os moradores a personagens de narrativas exóticas e estereotipadas.

Este trabalho investiga como os corpos negros são objetificados no âmbito do turismo de favelas, analisando as implicações dessa prática na construção de representações sociais e na experiência de moradores e turistas. A partir de uma perspectiva crítica, pretende-se problematizar os efeitos dessa atividade na perpetuação de desigualdades raciais e na reificação das favelas como espaços de consumo cultural, em vez de territórios de resistência e agência política.

Este estudo adota uma abordagem qualitativa baseada em revisão bibliográfica crítica, buscando compreender a objetificação dos corpos negros no turismo de favela a partir de autores que discutem turismo, racismo estrutural, colonialidade do poder e mercantilização da cultura. A pesquisa fundamenta-se em obras clássicas e contemporâneas que analisam a relação entre turismo, desigualdade racial e a construção de imaginários exotizados sobre territórios periféricos.

Além da revisão teórica, este trabalho também busca identificar alternativas ao turismo convencional, considerando o potencial do turismo de base comunitária como modelo mais sustentável e

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Miriane Sigiliano Frossard Nunes.

ético. Nesse sentido, são utilizados os estudos de Milton Santos (2020), que discute o papel das populações marginalizadas na construção de alternativas ao modelo econômico dominante, e de Jocélio Teles dos Santos (2012), que analisa estratégias de resistência e valorização cultural em comunidades racializadas.

Dessa forma, a metodologia adotada permite uma análise crítica e interdisciplinar, articulando elementos da geografia crítica, sociologia urbana e estudos culturais para investigar a relação entre turismo, poder e identidade racial. O estudo busca não apenas identificar as dinâmicas de exploração simbólica dos corpos negros no turismo de favela, mas também propor reflexões sobre formas mais justas e inclusivas de desenvolvimento turístico em territórios periféricos.

2. O TURISMO DE FAVELA

O turismo de favela tem suas raízes no fenômeno do *slum tourism*, iniciado no século XIX, quando visitantes europeus exploravam áreas empobrecidas em Londres e Nova York. A prática moderna ganhou força na África do Sul, com o turismo em Soweto, e se espalhou para países como Índia, Quênia e Brasil, onde bairros informais atraíram turistas interessados em compreender desigualdades urbanas (STEINBRINK, 2012).

O turismo de favela se manifesta em diversas partes do mundo, apresentando dinâmicas similares de exploração e exotização da pobreza. No Brasil, comunidades como a Rocinha e o Vidigal tornaram-se destinos turísticos populares, atraindo visitantes interessados na cultura e no cotidiano dessas áreas. Como aponta Freire-Medeiros (2009), esses espaços passaram por um processo de resignificação, no qual as favelas deixaram de ser vistas apenas como territórios de exclusão e passaram a ser comercializadas como locais de “experiências autênticas”. Essa lógica também pode ser observada em Soweto, na África do Sul, onde o turismo cresceu significativamente após o fim do apartheid, e em Dharavi, na Índia, conhecida por sua alta densidade populacional e sua economia informal (QUEROVIAJARMAIS, 2023; HELLOTICKETS, 2023). O estudo dessas experiências permite compreender como o turismo pode tanto reforçar desigualdades quanto ser um instrumento de valorização cultural quando conduzido de forma ética e participativa.

FREY e BRANDÃO (2010, p. 15) afirmam:

O turismo em favelas, ainda que carregue contradições, pode ser entendido como oportunidade de valorização cultural, geração de renda e resignificação desses territórios, especialmente quando conduzido sob a perspectiva dos moradores.

Freire-Medeiros (2009, p. 125) analisa o desenvolvimento da favela como uma atração turística, destacando a Rocinha como a “favela turística” paradigmática, com tours regulares desde o início dos anos 1990, especialmente no Rio de Janeiro, onde comunidades como a Rocinha e o Vidigal tornaram-se destinos procurados por turistas internacionais. Esse fenômeno tem raízes mais profundas, remontando ao século XIX, quando arquitetos, higienistas e cronistas europeus visitavam as favelas cariocas, registrando suas observações em crônicas e artigos.

Na década de 1980, com a realização da Eco-92 no Rio de Janeiro, o interesse internacional pelas favelas aumentou, levando à formalização de passeios turísticos organizados por empresas especializadas. A Favela Tour, fundada por Marcelo Armstrong, foi uma das pioneiras nesse segmento, oferecendo visitas guiadas às comunidades. Essas iniciativas proporcionaram aos turistas uma visão direta das condições de vida nas favelas, ao mesmo tempo em que geraram renda e oportunidades para os moradores locais.

No entanto, o turismo de favela também gerou debates éticos e sociais. A representação das comunidades como atrações turísticas levantou questões sobre estigmatização e exploração. Estudos acadêmicos têm discutido a necessidade de um turismo mais consciente e respeitoso, que envolva os moradores no processo e beneficie diretamente as comunidades visitadas.

Atualmente, organizações como o Observatório do Turismo em Favelas monitoram e colaboram com iniciativas de turismo de base comunitária, buscando promover um desenvolvimento turístico sustentável e inclusivo nas comunidades do Rio de Janeiro.

De acordo com Moraes (2020), os megaeventos esportivos, como os Jogos Pan-Americanos (2007), a Copa do Mundo (2014) e os Jogos Olímpicos (2016), ampliaram a visibilidade das favelas como destinos turísticos, especialmente devido às Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs). Com isso, as favelas passaram a ser promovidas como um símbolo da “Autêntica Cultura Brasileira”, destacando sua música, gastronomia e paisagens. Embora inicialmente criticado por seu caráter, Freire-Medeiros (2009) aborda a polêmica em torno do turismo em favelas, destacando a combinação de voyeurismo por parte dos turistas e a precariedade dos moradores. , o turismo de favela começou a se transformar, nos anos 2000, com iniciativas lideradas por moradores que visavam um modelo mais sustentável e ético, com impacto positivo na economia local. A ComCat (Comunidades Catalisadoras) destaca a promoção do turismo sustentável e ético nas favelas, enfatizando a importância das agências turísticas lideradas pelos próprios moradores, que geram renda e apoiam a economia local. Essas iniciativas visam não apenas proporcionar uma experiência autêntica aos turistas, mas também contribuir para a melhoria das condições sociais e econômicas das comunidades visitadas, garantindo que os benefícios do turismo sejam direcionados de forma justa e inclusiva para os moradores.

2.1 CORPO NEGRO COMO MERCADORIA TURÍSTICA

De acordo com Freire-Medeiros (2013), o turismo em favelas muitas vezes reforça estereótipos, apresentando os moradores como parte de uma “paisagem cultural exótica” e associando o corpo negro a atributos como musicalidade, resistência, pobreza, sensualidade e violência. Esse processo de mercantilização transforma a identidade negra em um atrativo turístico, reduzindo a cultura dos moradores a um espetáculo para o consumo dos visitantes.

O processo de mercantilização dos corpos negros no turismo de favela se insere em uma lógica mais ampla de colonialidade do poder (QUIJANO, 2005), na qual hierarquias raciais e sociais são perpetuadas por meio da exotização da cultura negra. Como discute Fanon (2008), a construção da identidade negra na modernidade se deu a partir de um olhar externo que define e limita os corpos negros dentro de estereótipos pré-determinados. Essa lógica se manifesta no turismo de favela quando manifestações culturais, como o samba e o funk, são descontextualizadas e reduzidas a meros produtos de entretenimento para os turistas. Além disso, Hooks (1992), argumenta que o olhar do outro tem um papel fundamental na forma como corpos racializados são percebidos e consumidos dentro da sociedade. No contexto turístico, essa dinâmica transforma os moradores das favelas em objetos de um espetáculo visual, no qual sua presença e suas práticas culturais são exploradas para atender às expectativas de um público externo.

HALL (2003) afirma:

A cultura não é apenas o reflexo de uma identidade autêntica, mas também pode ser transformada em uma mercadoria, rearticulada em termos de uma lógica de consumo, frequentemente desvinculada de suas raízes históricas e sociais.

A construção desse imaginário não ocorre de forma isolada, mas é reforçada por representações midiáticas que perpetuam narrativas exóticas e reducionistas sobre a cultura brasileira. Como aponta Leonardo da Silva (2015), a mídia internacional frequentemente reproduz imagens estereotipadas do país, associando-o a elementos como carnaval, violência e sexualidade exacerbada. Essa simplificação impacta diretamente a forma como o Brasil, e especialmente as favelas, são percebidos por turistas estrangeiros, criando a expectativa de que a visita a esses territórios oferecerá uma experiência “autêntica” baseada nesses estereótipos.

De maneira semelhante, Freire-Medeiros (2009), discute como a favela foi ressignificada ao longo do tempo como um espaço turístico, no qual o corpo negro e periférico passou a ser símbolo dessa experiência. Isso reflete a continuidade de uma lógica colonial no turismo, onde a presença do turista

estabelece uma hierarquia racial e social, reforçando a ideia de que os moradores são personagens dentro de um espetáculo urbano destinado ao olhar estrangeiro.

Dessa forma, o turismo de favela, ao invés de apenas oferecer uma troca cultural, pode reproduzir desigualdades estruturais, transformando identidades em mercadorias e corpos negros em símbolos de uma experiência turística moldada por expectativas midiáticas e comerciais. A desconstrução dessa lógica exige um olhar crítico sobre as formas de representação cultural e a implementação de modelos de turismo que respeitem e valorizem as narrativas dos próprios moradores, sem reduzi-los a estereótipos pré-estabelecidos.

3.2 ENTRE A MERCANTILIZAÇÃO CULTURAL E OS IMPACTOS SOCIAIS

O turismo de favela é um fenômeno que oscila entre a valorização cultural e a exploração econômica das comunidades periféricas. Pereira (2014) analisa as motivações dos turistas que consomem produtos e serviços oferecidos no turismo em favela de um lado, pode promover a geração de renda local e a ressignificação desses territórios. De outro, muitas vezes se baseia na apropriação comercial de elementos culturais autênticos, transformando manifestações artísticas e sociais em produtos turísticos moldados para o consumo externo.

Esse fenômeno não apenas comercializa símbolos culturais, mas também influencia a dinâmica socioeconômica dessas comunidades. Como apontam Janoschka, Sequera e Salinas (2014), a chegada do turismo pode acelerar processos de gentrificação, aumentando o custo de vida e expulsando os moradores originais das favelas. No Rio de Janeiro, por exemplo, bairros como Santa Teresa e Vidigal passaram por um intenso processo de valorização imobiliária após a implementação de Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), que buscavam garantir segurança para a atividade turística (MACHADO DA SILVA, 2010). Esse fenômeno evidencia como a lógica do turismo pode reproduzir desigualdades estruturais, transformando territórios periféricos em espaços voltados para o consumo externo, em detrimento das necessidades dos próprios moradores.

A pesquisa de Perrotta (2015) reflete como os souvenirs vendidos como lembranças do Rio de Janeiro reforçam uma identidade visual padronizada, que omite a diversidade cultural da cidade. Perrotta analisa como esses objetos, frequentemente caracterizados por imagens de praias, samba e paisagens icônicas, transformam o Rio em um produto homogêneo, ignorando a complexidade cultural de suas comunidades e a rica pluralidade de sua população. Ao reduzir a cidade a uma imagem simplificada e idealizada, esses souvenirs não apenas afetam a percepção dos turistas, mas também contribuem para a construção de uma identidade superficial do Rio, desvinculada de suas realidades sociais, políticas e históricas.

De forma semelhante, o estudo de Costa e Gomes (2020) examina como os souvenirs relacionados às favelas cariocas promovem estereótipos da pobreza e da resistência, enquanto contribuem para a mercantilização da identidade local. Esses objetos, muitas vezes fabricados e vendidos nas próprias comunidades, são criados e consumidos dentro de uma lógica que explora a imagem da favela como um símbolo exótico e autêntico. Contudo, ao comercializarem uma versão destituída de contexto das vivências dos moradores, esses souvenirs reforçam uma narrativa de exotismo e marginalidade, afastando-se de uma representação verdadeira da cultura local. Essa mercantilização não só perpetua desigualdades, mas também contribui para a instrumentalização da cultura das favelas em benefício de uma demanda turística que prioriza o consumo superficial da identidade local, ao invés de um entendimento mais profundo e respeitoso de suas realidades e histórias.

Fagerlande (2016) analisa os efeitos concretos da mercantilização cultural nas comunidades, especialmente na mobilidade dos moradores e na dinâmica econômica local. A implantação de albergues turísticos, por exemplo, gera novas fontes de renda para os moradores, por meio de atividades como comércio locais, hospedagem e serviços de guia. Isso permite que alguns moradores se tornem empreendedores, aproveitando o fluxo de turistas. Além disso, o turismo aumenta a visibilidade das favelas, promovendo suas histórias e culturas, e pode fortalecer a identidade local, desafiando estigmas de violência e exclusão.

No entanto, os benefícios do turismo não são distribuídos igualmente, e ele pode gerar desigualdades. O aumento do turismo pode inflacionar os preços de produtos e serviços, prejudicando os moradores que dependem do mercado informal. Mais ainda, a chegada de empreendimentos turísticos pode

provocar a gentrificação, transformando áreas acessíveis em zonas exclusivas para turistas de classe média ou alta, o que desloca os moradores originais. A dependência da economia do turismo também deixa as comunidades vulneráveis a crises externas, como uma queda no número de turistas.

Além disso, a mercantilização cultural reduz a identidade local a um espetáculo para consumo externo, o que pode gerar frustração entre os moradores, que veem suas culturas exploradas sem benefícios reais. A dinâmica entre turismo sustentável e exploração exige um equilíbrio que respeite as culturas locais, e uma colaboração entre moradores, governos e operadores turísticos para garantir que os benefícios sejam distribuídos de forma justa. Se o turismo for mal gerido, ele pode intensificar a gentrificação e dificultar a permanência da população original, tornando o equilíbrio entre desenvolvimento econômico e preservação cultural ainda mais desafiador. Esse fenômeno é aprofundado por Fagerlande e Comelli (2021), que examina como o turismo tem sido um fator determinante na expulsão de moradores de baixa renda e na elitização das favelas turísticas do Rio de Janeiro. A pesquisa aponta que a valorização imobiliária impulsionada pelo turismo, especialmente nas áreas de maior interesse para os visitantes, têm levado ao aumento do custo de vida e à transformação dessas comunidades em espaços exclusivos, acessíveis apenas a classes sociais mais altas. Esse processo de gentrificação afeta diretamente a permanência dos moradores originais e amplia as desigualdades socioeconômicas dentro dessas favelas.

Embora o turismo de favela frequentemente reproduz desigualdades estruturais, existem iniciativas que buscam alternativas mais justas e sustentáveis. O turismo de base comunitária, por exemplo, tem sido adotado em algumas favelas cariocas, permitindo que os próprios moradores participem ativamente da gestão da atividade turística e da distribuição dos benefícios econômicos. Como apontam estudos sobre turismo comunitário (SANTOS, 2020), esse modelo promove um intercâmbio cultural mais respeitoso, que não se limita à exploração simbólica dos territórios periféricos, mas envolve os moradores na criação e administração das experiências turísticas. Esse modelo permite uma maior apropriação das práticas culturais e sociais, fortalecendo as comunidades localmente e proporcionando uma distribuição mais equitativa dos recursos gerados pelo turismo.

Além disso, o turismo de resistência emerge como uma estratégia importante para ressignificar a narrativa das favelas, valorizando o protagonismo dos moradores e combatendo os estereótipos exóticos e reducionistas frequentemente associados a essas áreas. O estudo de MANO; MAYER; FRATUCCI (2020), reforça essa perspectiva, mostrando como a gestão local do turismo pode gerar impactos positivos, promovendo a autonomia dos moradores, a valorização cultural genuína e o fortalecimento da identidade local. Ao oferecer aos moradores a oportunidade de serem protagonistas da atividade turística, essas iniciativas contribuem para a transformação do turismo em uma ferramenta de empoderamento e justiça social.

3.3 EXOTIZAÇÃO E FETICHIZAÇÃO DO CORPO NEGRO NO TURISMO DE FAVELA

A objetificação do corpo negro no turismo de favela é uma questão profundamente entrelaçada com as dinâmicas de exploração racial e cultural, históricas e contemporâneas. Este processo de fetichização e exploração da população negra nas favelas não é apenas uma prática turística, mas também um reflexo das relações de poder e das representações de raça, classe e gênero em um contexto pós-colonial. A análise da objetificação do corpo negro feminino no turismo de favela exige uma compreensão ampla das estruturas sociais que perpetuam a desigualdade racial e como essas dinâmicas se manifestam nas práticas turísticas.

No contexto do turismo de favela, as comunidades periféricas são frequentemente apresentadas como um espetáculo para os turistas, especialmente para aqueles que buscam o exotismo associado à "autenticidade" da cultura negra. Segundo Freire-Medeiros (2009), a presença do turista, muitas vezes, estabelece uma hierarquia racial e social que transforma os moradores das favelas, em sua maioria negros, em objetos de consumo. A perspectiva do turista branco, de classe média ou alta, coloca os moradores como símbolos de uma realidade exótica, ligada à pobreza e à violência, mas sem reconhecer a complexidade e a subjetividade dessas pessoas, suas lutas diárias e sua resistência histórica. Isso implica, como argumenta Nascimento (2019), em uma redução dos corpos negros, especialmente das mulheres, a objetos de desejo

sexual e exotismo, cujas representações frequentemente se limitam à hipersexualização e marginalização social.

A hipersexualização do corpo negro, especialmente da mulher negra, está intimamente ligada à indústria do prazer associada ao turismo de favela. Como argumenta Nascimento (2019), o turismo de favela contribui para a perpetuação do imaginário colonial, no qual o corpo da mulher negra é visto como um objeto de desejo e prazer. O turismo, ao consumir a pobreza e a marginalidade como espetáculo, alimenta essa indústria do prazer, onde as mulheres negras são centralizadas como atrações turísticas. O corpo negro feminino, nesse contexto, não é apenas um símbolo de sensualidade, mas também um componente da "indústria do espetáculo" criada para entreter os turistas. Segundo Moraes (2016), a mídia e a indústria cultural contribuem para essa construção de imagem, associando a favela ao prazer visual e sensual, em vez de reconhecer a complexidade das vidas das pessoas que vivem lá.

A hipersexualização do corpo negro feminino tem raízes profundas no legado colonial, que associou o corpo da mulher negra à noção de "exotismo" e "prazer". Essa ideia remonta ao período da escravidão, quando as mulheres negras eram vistas como propriedades para o prazer sexual dos senhores de engenho e, posteriormente, dos turistas que visitam as favelas. A objetificação, no entanto, não se limita ao aspecto físico; ela também se reflete na apropriação e mercantilização das práticas culturais negras. Como explica Gotardo (2019), a transformação do samba, do funk e de outras expressões culturais em atrações turísticas reflete como as práticas culturais se tornam commodities no mercado turístico, sendo oferecidas como espetáculo para os turistas. Esse processo não apenas descontextualiza as manifestações culturais, mas também perpetua a ideia de que a cultura negra é algo acessível para o prazer do consumo externo, ignorando suas raízes históricas e sociais.

A objetificação do corpo negro feminino no turismo de favela está profundamente relacionada à racialização da sexualidade. De acordo com Fanon (1967), o corpo negro é frequentemente reduzido a um estereótipo de sensualidade e exotismo, especialmente no contexto da história colonial, onde a mulher negra foi vista como um objeto disponível para o prazer sexual. O turismo de favela, ao buscar o "exótico", explora esses estereótipos raciais, oferecendo aos turistas uma visão idealizada e sexualizada dos corpos negros. A autora Nascimento (2019) discute como a hipersexualização do corpo negro feminino se insere em uma longa tradição colonial, onde as mulheres negras foram associadas à "praticidade sexual" e à "exotização" de suas características físicas. A ideia de que a mulher negra é mais "sensual" é, portanto, uma construção histórica que não apenas reduz o corpo da mulher negra a um objeto de desejo, mas também perpetua a noção de que a cultura negra é acessível e consumível para o prazer do turista. O turismo de favela, ao explorar esses estereótipos, contribui para o processo de objetificação do corpo negro, reforçando a divisão racial e social entre turistas e moradores.

A presença do turista nas favelas não é uma experiência neutra, mas sim marcada por uma clara hierarquia racial e social. Como argumenta Freire-Medeiros (2009), a interação entre turistas e moradores das favelas é mediada por um olhar colonizador, onde os moradores são vistos como objetos de consumo, e suas vidas são moldadas pelas expectativas do turista. Este olhar objetifica o corpo negro, tratando-o como um "espetáculo" a ser consumido, desconsiderando a humanidade e a complexidade dos moradores. Esse processo de objetificação tem profundas consequências psicossociais, afetando a autoestima dos moradores e exacerbando a segregação social. Moraes (2016) destaca que as favelas, ao serem vendidas como "experiências turísticas exóticas", são separadas da realidade cotidiana dos moradores, tornando-se apenas cenários para o entretenimento dos turistas. A dinâmica de poder, nesse contexto, é clara: os turistas possuem o controle sobre como os corpos negros e as comunidades periféricas são percebidos e consumidos.

No entanto, a objetificação das favelas e de seus moradores não se limita à simples exploração da pobreza e da marginalidade. Ela é alimentada por uma narrativa de exotismo, que transforma a favela em um espaço "típico" e "autêntico", mas que distorce a realidade das comunidades. A análise de Moraes (2016) aponta que, com o crescimento do turismo nas favelas, as imagens dessas comunidades se tornam cada vez mais associadas ao "espetáculo da pobreza", alimentado pela lógica do mercado turístico. As favelas são vendidas como "atrativos turísticos" ou "experiências exóticas", com destaque para a música, a dança, a culinária e a "vida vibrante" nas ruas, sem considerar as dificuldades enfrentadas pelos moradores, como a falta de acesso a serviços públicos, segurança e infraestrutura adequadas. Essa visão descontextualizada das favelas reforça os estereótipos de que esses espaços são sinônimos de "energia e cor", mas também de violência e marginalidade.

A objetificação e sexualização excessiva dos corpos negros no turismo de favela provocam consequências psicossociais profundas para os moradores, afetando diretamente sua autoestima e as relações dentro das próprias comunidades. O foco na sensualidade "exótica" dos corpos negros, especialmente das mulheres, configura-se como uma forma de dupla objetificação: enquanto habitantes da favela e como símbolos da sensualidade exótica. Esse processo de desumanização tem raízes no consumo da pobreza e da violência como "espetáculo", transformando esses elementos em atrativos turísticos, mas ignorando a complexidade e a humanidade dos moradores. Como Freire-Medeiros (2009) afirma, a presença do turista na favela estabelece uma hierarquia racial e social, em que o olhar externo do visitante sobrepõe a realidade e a subjetividade dos moradores, exacerbando a segregação social e dificultando a criação de uma troca genuína e respeitosa entre as partes envolvidas. A segregação social se intensifica ao transformar os moradores em objetos de desejo ou curiosidade, enquanto suas vidas e experiências são ignoradas ou distorcidas.

Além disso, a mídia, ao construir uma imagem contraditória da favela — ora romantizando-a como um espaço cultural, ora associando-a à violência e ao perigo —, reforça essa visão exótica e descontextualizada. O estudo Marcio Barbosa (2012), contribui para essa reflexão, ao analisar como a mídia distorce a imagem da favela, tornando-a um espaço acessível para o consumo externo, sem reconhecer as dificuldades reais enfrentadas pelos moradores. Essa dinâmica de representação reforça a objetificação das favelas e seus habitantes, associando-os à marginalidade e à violência, mas ao mesmo tempo, projetando-os como uma atratividade turística. O turismo de favela se alimenta dessa lógica de exotismo, transformando territórios periféricos em mercadorias, disponíveis para o prazer do público global, como destaca Mbembe (2018). Essa mercantilização dos corpos e dos territórios reflete uma colonização do imaginário, que ainda persiste nas relações de poder contemporâneas, particularmente por meio da exploração do corpo negro.

A fotografia não autorizada é um exemplo claro dessa lógica de controle e exploração, onde a vida dos moradores é entendida como pública e acessível ao olhar do turista. Como argumenta Nascimento (2019), a hipersexualização das mulheres negras é um reflexo dessa dinâmica de mercado, perpetuando práticas coloniais que tratam os corpos negros como objetos para o prazer e entretenimento dos turistas. A pesquisa de Gotardo (2019) também confirma essa ideia, analisando como a mídia contribui para uma construção de imagem dual da favela — ao mesmo tempo marginalizada e romantizada — e ligando práticas culturais autênticas a uma indústria de espetáculo e consumo.

No entanto, apesar da exploração e da objetificação, algumas comunidades buscam resistir a essas dinâmicas por meio de iniciativas de turismo comunitário. Segundo Bertaud (2020), o turismo comunitário se apresenta como uma alternativa ao modelo de exploração tradicional, pois permite que os moradores assumam o controle de suas próprias narrativas e culturas. Ao envolver a comunidade local, essas iniciativas visam descolonizar o turismo e combater as práticas de exotização dos corpos negros.

Gotardo (2019) observa que, ao resgatar as expressões culturais autênticas, como o samba e o funk, os moradores das favelas buscam recuperar a agência sobre suas próprias culturas, tornando-se sujeitos de suas histórias, em vez de objetos de consumo. Essas iniciativas de resistência oferecem uma alternativa ética ao turismo tradicional, permitindo que a favela seja vista sob uma perspectiva mais justa e respeitosa, onde os corpos negros não são mais fetichizados, mas celebrados em sua totalidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo de favela é um fenômeno multifacetado que abrange tanto a valorização cultural quanto a exploração simbólica e econômica das comunidades periféricas. Ao longo deste trabalho, discutimos como a mercantilização da cultura, a exotização dos corpos negros e a influência da mídia contribuem para a construção de um imaginário turístico que frequentemente reforça desigualdades e estereótipos. Como argumenta Freire-Medeiros (2009), esse processo de fetichização e exploração dos moradores das favelas, especialmente dos corpos negros, é um reflexo das relações de poder e das representações de raça, classe e gênero em um contexto pós-colonial. A objetificação do corpo negro no turismo de favela, especialmente das mulheres, remonta a uma história colonial, onde a mulher negra foi vista como objeto de desejo sexual e exotismo (Nascimento, 2019). No entanto, como apontado por Bianca Freire-Medeiros, essa prática não é exclusivamente negativa. Quando realizada de maneira inclusiva e sustentável, pode gerar oportunidades de

renda, fortalecer identidades locais e contribuir para a ressignificação positiva das favelas, transformando-as em espaços de valorização genuína.

O desafio, portanto, reside em equilibrar os benefícios econômicos do turismo com a preservação da dignidade e da autonomia dos moradores. Nesse contexto, o estudo de Rafael Melo Pereira, Carolina Lescura de Carvalho Castro e Bernardo Lazary Cheibub sobre a percepção dos moradores do Morro Santa Marta revela que a forma como o turismo é praticado impacta diretamente a identidade da comunidade. Alguns moradores percebem a atividade como uma oportunidade de reconhecimento e valorização, enquanto outros temem que ela reforce estereótipos negativos e eleve o custo de vida local. Essa dualidade ressalta a necessidade de modelos turísticos que priorizem o protagonismo dos moradores, promovendo uma narrativa mais autêntica e menos comercializada.

Diante dos desafios apresentados, é fundamental repensar as práticas turísticas nas favelas, garantindo que sejam conduzidas de maneira ética e sustentável. O fortalecimento de iniciativas de turismo comunitário, nas quais os moradores tenham controle sobre as narrativas e os benefícios econômicos, representa um passo importante para romper com a lógica colonial que ainda permeia essa atividade. Além disso, políticas públicas voltadas para a regulamentação do turismo e a proteção dos moradores contra processos de gentrificação são essenciais para evitar que essas comunidades sejam exploradas meramente como produtos de consumo turístico. O turismo pode, de fato, ser uma poderosa ferramenta de transformação social, mas apenas quando estruturado de maneira a valorizar e respeitar as identidades e vivências dos próprios moradores.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Márcio. Favela – Lugar para se Visitar ou Evitar? 2012.

CAMPOS, Mariana. Revisitando o fascínio pelo exótico: a potencialidade do turismo de favela na transformação dos territórios da pobreza urbana. Caderno Virtual de Turismo, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 166-178, dez. 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115454650011>. Acesso em: 6 mar. 2025.

COSTA, Fabiane de Araújo; GOMES, Marcos A. Souvenires Cariocas: A Construção de uma Imagem do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.fachabrasil.org.br/wp-content/uploads/2020/02/Artigo-Fabiane-Marcos.pdf>. Acesso em: 6 mar. 2025.

BUTLER, Shelley Ruth. Contested representations: revisiting Into the Heart of Africa. Museum Anthropology, v. 21, n. 3, p. 26-40, 1997.

FAGERLANDE, S. M. R. Turismo no Cantagalo-Pavão-Pavãozinho: Albergues e Mobilidade na Favela. Anais do 1º Seminário Nacional de Turismo e Cultura. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/35939918/TURISMO_NO_CANTAGALO_PAV%C3%83O_PAV%C3%83OZINHO_ALBERGUES_E_MOBILIDADE_NA_FAVELA. Acesso em: 6 mar. 2025.

FAGERLANDE, S. M. R.; COMELLI, T. Turismo, Gentrificação e Transformação nas Favelas da Zona Sul: Reflexões Retrospectivas e Notas para o Futuro. Brazilian Journal of Development, v. 7, n. 4, p. 35594-35607, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/28991>. Acesso em: 6 mar. 2025.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Tradução de Maria Clara de Araujo. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. Gringo na laje: produção, circulação e consumo da favela turística. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2009.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. O turismo de favela no Rio de Janeiro: Entre a favela e o desejo do turista. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 24, n. 71, 2009, p. 37-53.

FREY, Klaus; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Turismo em espaços urbanos populares: entre a espetacularização e a resistência cultural. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

GOTARDO, A. T. O “paraíso tropical distópico” em Rio 50 Degrees – Carry on Carioca. *Vista*, [S. l.], n. 5, p. 79–99, 2019. DOI: 10.21814/vista.3041. Disponível em: <https://revistavista.pt/index.php/vista/article/view/3041>. Acesso em: 6 mar. 2025.

GOTARDO, Rodrigo. Cultura, turismo e apropriação: A indústria cultural e a mercantilização das práticas culturais nas favelas cariocas. 2019.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HOLLAND, M. Slum tourism in South Africa: A case study of the Johannesburg township of Soweto. *Current Issues in Tourism*, v. 15, n. 6, p. 497-500, 2012.

HOOKS, Bell. Olhares negros: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.

JANOSCHKA, Michael; SEQUERA, Jorge; SALINAS, Luis. Gentrification in Latin America: addressing the politics and implications of urban regeneration. *Urban Geography*, v. 35, n. 8, p. 1191-1208, 2014.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. A questão da segurança pública e a lógica da pacificação. *Estudos Avançados*, v. 24, n. 68, p. 61-77, 2010.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MBEMBE, Achille. Crítica da razão negra. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MORAES, Camila. Turismo em favelas: notas etnográficas sobre um debate em curso. *Plural: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP*, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 65-93, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/125110>. Acesso em: 6 mar. 2025.

MORAES, Luciana. A favela e o turismo: Imagem e representações de um espaço marginal. In: *Cultura e poder: O turismo no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

MORAES, Luciana. A favela como espetáculo: A exploração turística do exotismo. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2016.

NASCIMENTO, Abdias. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

NASCIMENTO, Ana. A hipersexualização da mulher negra no turismo de favela. *Revista de Turismo e Cultura*, v. 10, n. 2, 2019.

NASCIMENTO, Laura. Corpos e territórios: O turismo de favela e a sexualização das mulheres negras. Rio de Janeiro: Editora Universitária, 2019.

PERROTTA, Isabella Vicente. Souvenires cariocas: identidade e memória na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2017.

PEREIRA, Rafael Melo; CASTRO, Carolina Lescura de Carvalho; CHEIBUB, Bernardo Lazary. A percepção dos moradores do Morro Santa Marta sobre o turismo na comunidade. In: Anais do Encontro Nacional de Turismo com Base Local. Rio de Janeiro: [s.n.], 2018.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RICCI-CAGNACCI, R.; FARIAS, W. G.; USUI-NAPOLI, W. H.; TONET, J. H. Turismo de favela: uma análise da experiência turística de visitaçã da Rocinha-RJ. Ateliê do Turismo, 2023.

RITZER, George. The McDonaldization of Society. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2013.

SANTOS, Jocélio Teles dos (Org.). Cotas nas universidades: análises dos processos de decisão. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais, 2012.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

SILVA, Leonardo da. A representação do Brasil nos seriados televisivos norte-americanos. In: Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, 2015.

SILVA, Maria. A objetificação do corpo negro na mídia: Reflexões sobre gênero e raça. Rio de Janeiro: Editora Acadêmica, 2020.

STEINBRINK, Malte. 'We did the Slum!' - Urban poverty tourism in historical perspective. Tourism Geographies, v. 14, n. 2, p. 213-234, 2012.